

M. J. ARLIDGE

Mais de 1 milhão de livros vendidos

OLHO



OLHO

VIDA POR VIDA

OS CRIMINOSOS MAIS CONHECIDOS DO PAÍS
TÊM-SE ESCONDIDO À VISTA DE TODOS.

ATÉ AGORA...

TOP
SEL
LER

Nota do Autor

Presentemente, há apenas nove criminosos condenados no Reino Unido que foram incluídos, por decisão de tribunal, num programa de proteção vitalício, sendo-lhes atribuídos novos nomes e novas vidas no seguimento da sua libertação da prisão. Os crimes cometidos por essas pessoas foram tão notórios, de tão alto perfil, que a ameaça de serem alvos de ataques por parte de justiceiros na comunidade foi efetivamente considerada. Devido a isto, os tribunais deram o passo pouco habitual de lhes conceder anonimato para toda a vida, protegendo-os de agressões e dando-lhes uma segunda oportunidade, sob a supervisão do Serviço de Liberdade Condicional.

Muitos aplaudiram esta decisão, realçando que a maioria destes criminosos não passavam de crianças quando os seus crimes foram cometidos. No entanto, outros acharam a decisão despropositada e que seria desconfortável que estes criminosos condenados circulassem à vontade pela comunidade, invisíveis e sem serem detetados. Por norma, se um agressor sexual de crianças se muda para o nosso bairro, temos o direito de o saber, graças à «Lei de Sarah»¹. Mas não no caso destes nove. O que alguns acham estranho, tendo em conta a gravidade dos seus crimes e o facto de pelo menos um deles ter vindo a cometer crimes graves de motivação sexual desde que foi libertado.

Ao longo dos anos, foram realizadas várias tentativas para revelar estes indivíduos, particularmente com a imprensa tabloide britânica a fazer um esforço tremendo para os localizar. Ninguém o conseguiu,

¹ Mecanismo oficial que permite às pessoas saberem através da polícia se alguém que mantém contacto com crianças tem algum cadastro relativo a pedofilia ou outras questões que possam colocar a segurança da criança em risco. Não sendo uma lei propriamente dita, é por vezes assim conhecida. [N. T.]

permanecendo os nove criminosos até hoje escondidos e protegidos. Em *Olho por Olho. Vida por Vida*, uma abordagem ficcional a este assunto, exploro o que teria acontecido se alguém *conseguisse* divulgar as novas identidades e paradeiros destes famosos criminosos — não na imprensa, em grupos de comunicação social ou na Internet, mas diretamente às famílias enlutadas. Será que o resultado seria «justiça natural», com estes transgressores finalmente a sentirem na pele todo o peso dos seus crimes horríveis? Ou seria um convite ao vigilantismo, à sede de sangue e à oclocracia?

Como é que o *leitor* se sentiria se finalmente se deparasse com o assassino do seu filho?

Matthew Arlidge, julho de 2023

Para a minha mãe,
que fez de mim o que eu sou.

DIA UM

1

Ele sentiu-os antes de os ver. Terá sido uma sombra tremeluzente, uma respiração rasa, um passo mal dado que os denunciou? Ou foram os seus sentidos tremendamente apurados que o alertaram para a sua presença, aquele instinto de sobrevivência que o manteve vivo por tanto tempo? De uma maneira ou de outra, uma coisa era certa. Tinham dado com ele.

Controlando o seu terror, Mark Willis continuou a andar. Pingos de suor colavam-se à sua testa e o coração batia intensamente, mas manteve uma passada firme, observando atentamente os edifícios e passagens escondidos pela sombra. A Urbanização Rumworth era um lugar miserável, assombrado por marginais, drogados e pobres irremediáveis, mas Mark gostava de ir até lá, em especial depois da meia-noite, quando podia fazer o que bem lhe apetecesse. Deleitava-se com esses efêmeros momentos de liberdade, quando toda a miséria, dor e violência do passado pareciam esvair-se, quando se sentia invisível e seguro. Estivera a apreciar a noite, deambulando sem que ninguém desse por ele rumo ao seu apartamento minúsculo, com cinco *pints* de cerveja barata a gerarem em si uma sensação de despreocupação, até de euforia. Porém, num instante, tudo mudou. Agora, sentia-se absolutamente sóbrio, com a mente límpida e o corpo tenso pronto a fugir, consciente do perigo mortal que enfrentava.

Como é que o tinham localizado? O que o denunciara? Pareceu-lhe impossível. Fora tão cuidadoso, tão cauteloso — adotando a sua nova identidade, vivendo a sua vida numa nova cidade —, todavia, de alguma maneira, eles *sabiam*. Os minutos seguintes determinariam se escaparia à vingança ou se seria vítima de uma morte brutal, sendo a sua única esperança o elemento-surpresa, uma corrida súbita

e inesperada em direção à liberdade. Mas em que direção devia seguir? Por que caminho havia de correr? Se optasse bem, conseguiria escapar incólume, mas se escolhesse o rumo errado...

Ali. *Não era* imaginação sua. Ouviu sem dúvida um passo entre as sombras de Lancaster House, a mais decrépita das cinco torres de apartamentos que desfiguravam aquele canto degradado de Bolton. Espreitou na direção do bolorento prédio, a contar ver uma silhueta volumosa nas sombras, contudo, para sua surpresa, o seu atacante descartou as cautelas e avançou para o brilho doentio dos candeeiros de rua.

Mark susteve a respiração, cambaleando um pouco, incapaz de processar o que via. O vulto era alto e poderoso, calçando botas com biqueiras de aço, *jeans* sujos e um blusão de aviador preto. Na mão enluvada, agarrava um pé de cabra, com a curva assustadora do gancho iluminada pelas ténues lâmpadas de sódio. Isto bastou para gelar o sangue de Mark, mas foi o rosto do vulto que gerou um grito abafado na sua garganta. Dois olhos pretos, pequenos como contas, espreitavam por debaixo de uma máscara de porco em látex, tornando o seu perseguidor uma figura desumana, animalesca e cruel.

O vulto avançava para ele, estugando o passo. Em pânico, Mark rodopiou, correndo na direção da York House e da passagem subterrânea que ainda poderia levá-lo à segurança, mas, mal deu um passo, estacou. Outro vulto mascarado atravessou-se diante dele, cortando-lhe a rota de fuga. Também este se encontrava armado e sedento de violência, com um silvo triunfante a escapar-lhe pelo nariz.

— Merda...

A palavra saiu disparada da boca de Mark, aguda e estrangulada. Voltando-se, retornou os passos, na esperança de regressar ao Butcher's Arms, mas os seus perseguidores jogaram a derradeira cartada, um terceiro vulto emergindo uns vinte metros diante dele, rodando descontraidamente um pé de cabra nas mãos.

Silêncio. Mark estacou na passagem mal iluminada, cercado pelos seus perseguidores. Enfiara-se diretamente na armadilha deles e agora teria de enfrentar as consequências. A violência era iminente, a sede de sangue deles, palpável, a sensação de triunfo, inequívoca. Mesmo agora, com Mark ali parado, a tremer de medo, o que chegara mais recentemente resfolegou ruidosamente numa grosseira imitação de

um porco, com o som nojento a ecoar nos prédios das imediações. Tudo o que Mark queria era ajoelhar-se, implorar por perdão, mas sabia que não haveria misericórdia. Era o final prometido.

Os três homens avançaram um passo. E depois mais outro. E continuaram a avançar, com os pés de cabra erguidos, prontos a atacar o inimigo indefeso. Mark sentia-lhes o cheiro a suor, a respiração áspera, a excitação. Sabia que a qualquer momento seria desferido o primeiro golpe, rasgando pele e partindo osso, derrubando-o ao chão. Depois disso, o ataque deles seria impiedoso, o seu corpo massacrado para lá do reconhecimento, num ato de vingança prolongado e determinado. Nesse preciso momento, o homem-porco diretamente diante dele retesava o braço, preparando-se para atacar, determinado a aplicar o primeiro e crucial golpe...

Mark lançou-se para a frente, dando com a palma da mão no focinho do porco. O seu atacante não contava com resistência e não se defendeu, com Mark a ficar entusiasmado com o som do nariz do homem a estalar, levando-o a rugir de dor. O impulso de Mark direcionou-o contra o vulto corpulento, empurrando-o para trás, rompendo fugazmente o cordão humano. Aproveitando a oportunidade, Mark correu em frente, em direção à abertura que de repente se formou. Mãos ásperas agarraram-no, segurando-o pelo casaco volumoso, mas Mark libertou os braços e afastou-se a correr, deixando os perseguidores enfurecidos a agarrarem o seu casaco de penas. Mark acelerou, com os pés a ecoar no cimento, afastando-se o mais possível dos seus perseguidores. Um riso histérico ergueu-se na sua garganta. Depois de ter estado a segundos de morrer, encontrava-se agora completamente livre, confiante de que conseguiria suplantar três homens de meia-idade, escapando para as sombras da propriedade deprimente a que chamava casa. Tudo aquilo de que necessitava era de uma meia hora para encontrar um lugar seguro, para fazer um telefonema. Ele lograria escapar àquele pesadelo, viveria para contá-lo, usando devidamente a segunda oportunidade que lhe fora concedida.

Passos pesados atrás dele despertaram Mark de qualquer devaneio. Os seus perseguidores não tinham desistido, pisando ruidosamente o cimento. Espreitou por cima do ombro, descobrindo horrorizado que um dos homens estava a menos de três metros de si, esforçando-se ao máximo por o apanhar. Em pânico, Mark acelerou, sentindo os

pulmões a arder, as pernas a queixarem-se do cansaço. Ainda corria grande perigo, contudo, se conseguisse escapar da propriedade, poderia salvar-se.

Mais à frente, viu a passagem central que dava para a rua principal e sprintou para lá, rumo à salvação. Mas, uma vez mais, as suas esperanças foram por água abaixo. Um furgão branco bloqueava a entrada da propriedade, com os faróis a brilhar como se o sinalizassem para os seus atacantes. A porta do condutor começou a abrir, saindo de lá outro homem mascarado. Mark parou, derrapando, em pânico, desviando-se mesmo a tempo de se soltar da mão que agarrou o braço que tinha estendido para trás. Sem saber para onde ir, acelerou, preocupado apenas em manter-se à frente dos seus perseguidores.

Mark rumava aos limites da urbanização, um labirinto de passagens, caixotes do lixo e postes de iluminação tremeluzentes. Ali, as passagens eram escuras e traiçoeiras e por várias vezes Mark tropeçou, mas lá avançou num ritmo intenso. Por certo, os seus atacantes também haviam de se cansar. Desistir da perseguição. Ao dobrar uma esquina, apenas no último momento reparou no carrinho de compras tombado. Por instinto, deu um salto, ultrapassando à justa o obstáculo antes de assentar no cimento. O seu perseguidor mais próximo não teve tanta sorte, chocando com o carrinho e caindo. Encorajado, Mark acelerou ainda mais. Estava a distanciar-se face aos seus atacantes e, se desse com uma escadaria que descesse ao nível da rua, iria despistá-los nas sombras lá de baixo. Aquele era o seu território, fora o seu lar nos últimos quatro anos, e a sobrevivência dele dependia de como aproveitava essa vantagem.

Sentiu-se entusiasmado, com a energia a percorrê-lo e o olhar a vasculhar com confiança a sua rota de fuga, mas, ao derrapar para contornar a esquina seguinte, as suas esperanças foram reduzidas a cinzas. Na escuridão, com o pânico, calculara mal, correndo pela passagem errada. Ele não sprintava rumo à liberdade, mas sim rumo a um beco sem saída, com a grade de metal que protegia os residentes do anel rodoviário a esfumar a sua última oportunidade de escapar. Deslizando ao estacar, Mark olhou em redor à procura de outra forma de fugir, mas estava encurralado pelos muros de cimento que lhe davam pelo peito nas laterais e a proibitiva grade de metal em frente. Atrás dele, ouviu quatro conjuntos de passos a abrandar um pouco o ritmo

de corrida, conforme os seus atacantes se preparavam para a matança. Pousando a testa no metal frio da grade, Mark começou a chorar, com as lágrimas a deslizar pelas faces, enquanto o seu corpo tremia com o medo. Ninguém merecia morrer assim.

— Vamos lá, rapazes, toca a dar-lhe o presente de Natal...

Avançavam na direção dele, de armas erguidas. Iriam levar o seu tempo, desfrutando da dor da vítima, *divertindo-se*. Virando-se para os atacantes, os olhos de Mark brilharam repentinamente com o desafio. Ia mesmo permitir que aqueles imbecis o massacrassem a sangue-frio? Ia permitir que *vencessem*? Bem no fundo do seu ser, um derradeiro vestígio de força, de coragem, ergueu-se no jovem. Os seus perseguidores estavam a poucos metros, a postos para o ataque, mas ele continuava determinado a não lhes dar esse gosto. Rodopiando, agarrou-se à estrutura de metal e começou a trepar. Gritando, os seus perseguidores lançaram-se para a frente, deitando a mão aos seus *jeans*, mas Mark libertou-se. Por momentos, cambaleou em cima da grade, observando os faróis brilhantes que passavam a grande velocidade na estrada movimentada lá em baixo, antes de se lançar para a frente.

Uns segundos depois, o seu corpo aterrou com um esmagar doentio, a sua cabeça batendo com força no alcatrão implacável.

2

Olivia Campbell bateu com a porta do carro ao fechá-la e apressou-se. Naquela manhã, o trânsito de Londres estava caótico, com as pessoas que faziam compras de Natal a entupir todas as artérias da capital, e levou-lhe uma hora a arrastar-se de Holloway a Tottenham. Abandonando o seu *Corsa* numa linha amarela dupla, acelerou rua fora, penosamente consciente de como estava atrasada. Arrependia-se agora de ter combinado visitas a dois clientes antes do evento principal. Ambos os réus em liberdade condicional se revelaram truculentos, atrasados e demorados, levando a que ela se encontrasse atrasada por mais de hora e meia para a sua primeira sessão a sério com Jack. Olivia sabia que isto não correria bem — o nervoso rapaz de 19 anos estava inquieto quando chegou à sua nova morada em Tottenham Hale na noite passada e por esta altura já devia estar a trepar às paredes, convencido de que a chegada tardia dela pressagiava perigo ou desastre. Naturalmente, tudo não passava de uma paranoia sem sentido — ela já assistira a isso muitas vezes em pessoas em liberdade condicional de perfil elevado —, no entanto não iria facilitar a vida a Olivia, o que era uma pena, pois ela já se sentia de rastos.

Avançando rapidamente para a discreta casa de dois pisos e quatro divisões, em cuja porta da frente havia uma desconsolada grinalda festiva, Olivia observou a rua e depois bateu três vezes. Quase de imediato, uma voz respondeu, o seu protegido parado do outro lado da porta.

— Quem é? — perguntou ele discretamente, com o seu sotaque do estuário a manifestar-se.

— Sou eu. A Olivia.

— Está sozinha?

— Não, tenho comigo o Lorde Lucan e o *Shergar* — respondeu Olivia, aborrecida.

— Quem?

— Abre lá o raio da porta, está bem?

O tom de Olivia fora duro, mas ela não queria demorar-se à porta da entrada chamando a atenção dos vizinhos, e a sua brusquidão surtiu o efeito desejado, com a porta a abrir-se lentamente e a revelar um rosto jovem e endiabrado a espreitar para ela por cima da segurança da corrente. Suavizando o seu tom, ela prosseguiu:

— Olha, Jack, não quero parecer insolente, mas está um frio de rachar, por isso...

Por fim, o adolescente cedeu, retirando a corrente. Aliviada, Olivia entrou, fechando a porta atrás de si.

— Então, como te estás a dar?

Percorrendo o corredor até à sala da entrada, Olivia obteve a sua resposta, com o saco de viagem de Jack pousado no mesmo lugar onde o deixara na noite passada. Sentindo a irritação dela, o jovem em liberdade condicional evitou o seu olhar, fitando um ponto no chão logo em frente às suas sapatilhas.

— Vá lá, Jack, já *falámos* sobre isto. Acredito que a transição assuste, mas tens de fazer um esforço. Sei que isto não é propriamente o Ritz — prosseguiu Olivia, passando os olhos pelo verde repulsivo das paredes, para a lareira estalada e fria —, mas com algum esforço podes dar-lhe um pouco de vida. Devias desfazer as malas, tornar este lugar teu, e talvez depois dê para te arranjarmos uns pósteres. Do que gostas? *Rappers*? *Grime*? WWF? E futebol? És fã do Arsenal, certo? Terei todo o gosto em arranjar pósteres dos jogadores principais, Odegaard, Jesus, se isso servir para que te sintas mais em casa.

Olivia odiava futebol, mas fizera o trabalho de casa. Contudo, a sua diligência aparentemente não tinha surtido efeito, com o sorumbático adolescente a manter o seu silêncio pétreo.

— Tens de me dar uma ajuda, Jack. Não duvido que seja muito complicado, mas...

— Quero regressar — despejou ele, fitando intensamente as tábuas do soalho.

— Desculpa?

— Quero regressar ao centro.

Olivia sentiu o coração a afundar. Isto ia ser mais difícil do que ela pensara.

— Já discutimos isto. Não podes regressar...

— Eu *gostava* de lá estar — insistiu Jack, ignorando a resposta dela. — O pessoal era simpático comigo e os outros rapazes não eram maus, sabe?

— O centro de detenção é só para *criminosos* — contrapôs brusca-mente Olivia. — Já cumpriste a tua pena, foste dado como apto para libertação, por isso não podes ficar lá.

— Mas eu não estou preparado.

— Tens de estar, Jack. Agora, és um homem livre. Devias desfrutar disso.

Olivia estava consciente de como isto soou mal, tendo em conta o ambiente pouco inspirador nas redondezas, e ia fazer uma piada com isso quando percebeu que o adolescente de 19 anos cheio de espinhas estava a chorar.

— Por favor, *fale* com eles — murmurou ele, choramingando. — Faça com que percebam. Se eu *quero* ser trancado, não será melhor para todos?

— Isso não me cabe a mim dizer — reagiu Olivia cautelosamente, chocada com esta súbita demonstração de perturbação. — Regras são regras. O Serviço de Liberdade Condicional avaliou-te e deu-te como apto para reabilitação. Sei que te sentes assustado, sei que te sentes perdido, até indefeso, mas eu já passei por isto com outros jovens como tu. E *funciona*.

Jack ergueu o olhar para ela; tinha os olhos humedecidos, e uma expressão de descrença espelhada na cara.

— Sinceramente, Jack, tens tanta coisa a teu favor. Um lugar onde ficar, um trabalho, oportunidades de formação para explorar, e além disso eu visito-te duas vezes ao dia para assegurar que te manténs à tona. O que me dizes? Conseguimos fazer isto *juntos*? — Jack encolheu os ombros, limpando as lágrimas, o que Olivia encarou como sendo um sinal positivo, pelo que insistiu. — Vamos recapitular a nossa história, para assegurar que todos os pormenores estão interiorizados. Nome?

- Jack Walker — respondeu ele, com uma leve tremura na voz.
- Muito bem. E o nome completo?
- É apenas isso, os meus pais não gostavam de nomes compridos.
- Excelente. Idade?
- Tenho 20 anos.
- Data de nascimento?
- Nasci a 3 de abril de 2003.
- De onde és, Kyle?
- Desculpe? Chamo-me Jack.

Assentindo em aprovação, Olivia prosseguiu, grata por detetar um vestígio de um sorriso nos lábios do adolescente, nitidamente contente por não ter caído na armadilha dela.

- De onde és, Jack?
- Sou de Epping, mas agora vivo em Tottenham Hale.
- A família vive por perto?
- Os meus pais estão em Espanha, tenho uma irmã em Birmingham.

Casada, sem filhos.

- Vocês dão-se?
- Ela é fixe, acho eu. No fundo, todas as irmãs são uma seca.

Olivia conteve um sorriso. Para alguém tão relutante em relação à sua liberdade condicional, o adolescente era um ator decente.

- Estás de boa saúde?
- Não estou mal, um pouco de asma.
- E o teu historial médico? Algumas emergências ou operações no teu passado?

— Parti o braço aos 9 anos. Precisei de cirurgia para o pôr no sítio. Fiquei com esta cicatriz, está a ver..

Jack subiu a manga da camisola e revelou uma cicatriz comprida no braço direito. Na realidade, aquele ferimento do passado resultou de uma facada, mas o ferimento era tão reto e ténue que ninguém perceberia.

— Muito bem, Jack. Está muito bem. Mantém essa história e não terás qualquer problema. — Jack fitou-a, ainda desconfiado, mas talvez esperando que a razão estivesse do lado dela. — Antes de ir, sou obrigada a recordar-te das condições da tua licença — prosseguiu prontamente a agente de liberdade condicional, ansiosa por deixar esta parte para trás. — Nada de álcool e nada de drogas. Nada de visitas

cá em casa sem a minha autorização. Nada de acesso à Internet sem supervisão, nenhum tipo de contacto com crianças e nada de regressar a Southend, sob nenhuma circunstância.

— Porque é que havia de querer voltar àquele pardieiro? — ripostou secamente Jack.

— É esse o espírito. Basta que respeites essa regras, nada mais. Porque, se não o fizeres, vais estar atrás das grades mais depressa do que consegues dar um peido, e desta vez não vai ser num centro para jovens. Será uma prisão de Categoria A, com todos os perigos e incómodos que isso representa. Entendido?

Jack assentiu com a cabeça, mas nada disse. Olivia estava habituada a isso — os seus clientes tanto se ressentiam das suas palavras como necessitavam delas —, pelo que deixou passar em branco.

— Há alguns alimentos essenciais no frigorífico, mas regresso amanhã com uma série de refeições prontas e uns miminhos. Por agora, instala-te, vê televisão, e assegura-te de que pela manhã estás pronto para trabalhar. Aqui estão os pormenores relativos a onde precisas de aparecer, a que horas e de quem é o teu ponto de contacto. — Entregou a Jack uma folha A4 datilografada com esmero. — É trabalho manual, mas um rapaz forte como tu deve dar-se bem lá, além de que terás um vencimento decente. O encarregado contrata com frequência ex-condenados, mas é evidente que não conhece a tua verdadeira história. Acha que acabaste de cumprir uma pena de seis meses por coisas menores a nível do condado. Não faças nem digas nada que o leve a reequacionar tudo isso.

Jack fez uma careta, visivelmente baralhado por ela ter recorrido a uma palavra de seis sílabas.

— Não te desvies da tua história — esclareceu Olivia. — Um «compincha» mais velho pôs-te a entregar encomendas, mas agora estás bem longe dele e tal...

Jack assentiu com a cabeça, de novo a acompanhar, conquistando um sorriso a Olivia.

— Sinceramente, tens isto controlado, Jack. Sei que nunca tiveste uma vida normal, mas é mais fácil do pensas. E pode vir a ser a tua salvação. Por isso, por favor, aproveita esta oportunidade. Não há muita gente a poder desfrutar de uma segunda oportunidade, mas tu podes. Por isso, agarra-a.

Regressando ao seu *Corsa*, Olivia pensou se teria passado a mensagem. Jack anuíra, dissera tudo o que era de esperar, e parecera orgulhoso de se ter lembrado da sua nova identidade e história pessoal, mas talvez estivesse a dizer-lhe apenas o que ela queria ouvir... Olivia sentiu que faltava qualquer coisa, uma percepção de convicção, de crença, talvez, de que ele seria capaz de chegar lá. Talvez estivesse demasiado afetado para começar de novo, como acontecia com tantos. Sem dúvida que parecia perturbado face à perspetiva da sua nova vida, uma ironia soturna tendo em conta a indignação que a sua libertação gerara na imprensa e nas redes sociais. *Se conseguissem vê-lo agora*, pensou Olivia sombriamente, enquanto se apressava a afastar-se da discreta casa.

O dia dela já tinha sido suficientemente complicado, mas ainda não terminara — uma multa de estacionamento bem fresca decorava o para-brisas do seu carro. Praguejando, Olivia arrancou-a, entrando para o velho *Corsa* e atirando a multa para o banco traseiro, onde se acomodava uma meia dúzia de Avisos de Sanções Pecuniárias. Olivia nem sequer pensou no assunto, enquanto ligava a ignição. Já estava atrasada para a reunião seguinte.

3

Emily Lawrence mantinha a cabeça baixa ao caminhar por entre a chuva. Era um dia cinzento em Bridgend, de um frio cortante e implacável, e a maioria dos residentes abrigavam-se no interior, o que para Emily era perfeito. Não precisava de público para esta peregrinação em particular.

Segurando com força o seu *bouquet*, percorreu apressadamente o carreiro muito bem aparado, espreitando ocasionalmente para as lápides cuidadas de ambos os lados, algumas das quais decoradas para a época festiva. Ia passando por nomes, datas e tragédias familiares — mães que morreram jovens, gémeos perdidos no parto, casais enamorados separados ao longo de anos até à reunião final —, mas ela nada interiorizou, pouco lhe dizendo as tragédias de terceiros. Talvez se justificasse, dado que tinha as suas próprias razões para ali estar, ou talvez se tratasse apenas da sua maneira de ser. As pessoas sempre disseram que era egoísta.

Chegando a uma bifurcação, virou à direita, avançando até às sepulturas em piloto automático. Ia ali religiosamente duas vezes por ano, para assinalar o aniversário de Susan e depois o de Gwyneth, já mal prestando atenção à sua rota. Os pés dela, já para não referir o seu coração e consciência, levavam-na onde era preciso. Emily nunca se demorava, nunca se envolvia em conversas, cumprindo o seu dever rápida e zelosamente, antes de regressar a casa a sentir-se vazia e pesarosa. Por vezes, após uma visita particularmente perturbadora, questionava-se se realmente *necessitava* de ir ali, passar por aquele sofrimento ano após ano. Mas sabia a resposta antes sequer de se fazer a pergunta, e foi por isso que, uma vez mais, deu por si no cemitério de Bridgend. Era adequado que o tempo se apresentasse hoje

tão cinzento, pensou Emily, com uma torrente de memórias penosas a desabar.

Livrando-se dos seus pensamentos sombrios, Emily abrandou ao chegar aos túmulos, confirmando uma vez mais se não havia ninguém por perto antes de se aproximar. As lápides permaneciam imaculadas, parecendo quase polidas sob o brando brilho do sol invernos. Os arranjos florais eram vívidos e frescos, o mármore escuro reluzia e as letras a dourado eram nítidas e claras, descrevendo os detalhes das tragédias:

Susan Slater, nascida em agosto de 1991, falecida em março de 1992

Gwyneth Slater, nascida em abril de 1988,

falecida em novembro de 1992

Partiram demasiado cedo. Para sempre nos nossos corações.

Emily lera aquelas palavras vezes sem conta, mas a brevidade das mesmas, o seu poder simples tiravam-lhe sempre o fôlego. Deixou escapar um soluço, a sua visão a enturvar quando brotaram as lágrimas. Agarrou o ramo com força, procurando consolo, até quando os espinhos se cravaram dolorosamente na sua pele. Era demasiado chocante, demasiado perturbador de interiorizar, o pensamento daquelas meninas inocentes a morrer em tão terríveis circunstâncias, mas não havia como escapar à realidade do seu tormento. Era algo que tinha de ser reconhecido, na sua totalidade e com frequência, para manter viva a tragédia dos seus assassínios. O tempo não curara, nem era suposto que o fizesse, não quando as mortes foram tão sem sentido e perversas.

— Conhecia-as?

Sobressaltada, Emily rodopiou para trás e deu com um idoso a olhar para ela. Pestanejando para limpar as lágrimas, observou o intruso, um indivíduo militar elegante, protegido do frio com um casaco grosso e um cachecol. O sotaque do homem era local, os olhos, astutos e inteligentes, mas Emily não o reconheceu e a pergunta dele pareceu inocente.

— Não propriamente — mentiu. — Queria só manifestar o meu pesar.

De início, o homem nada disse, intrigado talvez quanto ao que levaria uma mulher de meia-idade a sair com um tempo tão agreste

para visitar as sepulturas de duas estranhas. Então, lentamente, as suas feições descontraíram num sorriso triste.

— Vim visitar a minha Iris, mas paro sempre aqui por um minuto no regresso, para rezar pelas miúdas... — A sua voz soçobrou ao falar e Emily virou-se de costas para ele, destroçada com as emoções daquele estranho. — Não dá nem para imaginar aquilo por que passaram...

Emily assentiu com a cabeça, mas não se voltou de novo, curvando-se para depositar as suas flores sobre os túmulos. Ao fazê-lo, reparou que havia pingos de sangue onde cingira os caules com espinhos e enfiou rapidamente as mãos nos bolsos para esconder os danos.

— É inacreditável, na realidade, o que algumas pessoas são capazes de...

O velho estava a preparar-se para desenvolver o tema, remoendo naquela infame tragédia local, encaminhando-se talvez para alguma denúncia terrível, mas ela não era capaz de ouvir nem mais uma palavra. Anuindo pesarosamente na direção dele, afastou-se, regressando por onde viera, ansiosa por se libertar da sua presença, por se livrar daquele terrível lugar.

La ali todos os anos e todos os anos se sentia desesperada por partir, mas aquela visita revelara-se ainda pior do que as anteriores. À dor, à culpa e à angústia, ela já se habituara, mas a cortante intervenção do aposentado evocara um sentimento que há muito tinha enterrado — medo. O seu sotaque local cerrado, a sua emoção, a sua evidente repulsa, apesar dos *trinta anos* que separavam a tragédia e aquele momento, devolveram-na a um tempo em que o nome dela era sinónimo de selvajaria e mal, em que os residentes locais teriam com gosto arrancado todos os seus membros, em que ela não era a vulgar, honesta e discreta Emily Lawrence. Ainda hoje as recordações a aterrorizavam e sentiu todo o corpo a tremer enquanto se apressava para a saída. Nenhuma visita a Bridgend era isenta de riscos e talvez tivesse sido complacente ao acreditar que podia aparecer sem que ninguém desse por nada. O idoso pareceu suficientemente bondoso e não deu mostras de lhe dirigir qualquer acusação, mas como poderia ela ter a certeza?

Por vezes, achava que as pessoas eram capazes de ver o seu interior.

4

Os olhos dele estavam presos ao ecrã de televisão, as emoções numa grande agitação.

— Juntando-se a nós hoje, no sofá, temos Alison Burnham, cuja filha Jessie foi assassinada em 2013 pelas estudantes Courtney Turner e Kaylee Jones. As perpetradoras desse terrível crime, com apenas 11 anos à época, foram posteriormente libertadas na comunidade. Desde então, Alison tem feito uma incansável campanha em prol de sentenças de prisão mais longas para menores que cometam crimes graves...

Mike Burnham abanava furiosamente a cabeça, sem saber se a sua fúria era dirigida à BBC, por explorar a dor deles, ou a Alison, por ter sequer concordado em aparecer no programa. Ele sabia que a ex-mulher achava que agia bem, criando algo positivo a partir de uma tragédia horrível, mas era tão penoso ouvir os pormenores daquele dia repetidos até à exaustão, e, além disso, de que servia? Ninguém ouvia as vítimas. Eram os perpetradores, os criminosos, que recebiam todas as atenções, o sistema de justiça penal curvando-se para os acomodar a *eles*. Fazer campanha poderia desviar a mente de Alison do seu trauma partilhado, mas na verdade nada mudava.

— Mike, está pronto para...

Ele percebeu então que a secretária do salão de exposição ainda aguardava que ele assinasse o contrato de venda. Passando os olhos pelo inventário de janelas e portas, Mike sarrabiscou a sua assinatura e afastou-se, abeirando-se mais do televisor e absorvendo as palavras do apresentador:

— Esta manhã, Kyle Peters, que assassinou Billy Armstrong, em 2015, em Southend, foi libertado e realojado algures no Reino Unido

com uma nova identidade. Alison, sendo alguém que já passou por isto, que teve de enfrentar a libertação das assassinas da sua filha, como se sente hoje?

— Bom, naturalmente, sinto-me solidária com a família do Billy. Sei exatamente o que sentem, como devem estar zangados e perturbados. Sempre acreditei que homicídio deveria implicar pena de prisão perpétua, independentemente da idade do criminoso, e aqui, uma vez mais, temos um exemplo do sistema de justiça penal a desiludir a vítima e a família.

Porquê? Porque é que ela tem de continuar a fazer isto? Sempre que Mike achava que poderia estar a regressar a uma espécie de normalidade, quando as pessoas o podiam encarar como um tipo normal, em vez de o pai de uma criança assassinada, lá aparecia Alison, na televisão, na rádio, a falar de Jessica, de Courtney Turner e de Kaylee Jones, enfiando tudo pelas gargantas das pessoas abaixo. Porque é que se sentia compelida a fazer isto?

— Naturalmente — arrulhou o apresentador. — Calculo que dias como este devem evocar recordações penosas do que aconteceu à *sua* família. A morte da pequena Jessie, a detenção, o julgamento...

— Não — silvou, irritado e ofendido. — Era Jessica, nunca foi Jessie...

Começaram a rodar cabeças no escritório, mas Mike não conseguiu conter-se. Os jornais, os canais de notícias, decidiram tratar a sua filha por «Jessica», por soar mais giro, mais trágico. Mas ela nunca foi tratada assim, por *ninguém*.

— Apresenta corretamente os factos! — murmurou num tom furioso. — Faz o raio do teu trabalho.

Na televisão, Alison ignorara a *gaffe*, respondendo à pergunta, alinhando no jogo.

— Teve um impacto profundo na irmã mais nova da Jessica, a Rachel, mas todos sofremos. Eu deixei o meu emprego pouco depois do que aconteceu; logo a seguir, o meu casamento desfez-se...

Quando é que ela pararia? De que *serviria* isto, a não ser para humilhar aqueles que já tinham sofrido tanto. Não dava para acreditar que Alison pudesse ser tão ingénua.

— Desculpe, Mike, sou eu outra vez... — Despertando, Mike voltou-se e percebeu que a acanhada secretária regressara. — É que a sua marcação das dez está à espera...

Com a cabeça, ela indicou a recepção, onde um casal de meia-idade aguardava com impaciência.

— Desculpa, estava a milhas...

Ela sorriu com compreensão, mas nada disse, parecendo um pouco desconfortável, como se não soubesse bem como lidar com ele. Olhando em volta pelo escritório, Mike percebeu então que vários dos seus colegas de trabalho olhavam fixamente para ele, nitidamente incomodados com os seus murmúrios zangados dirigidos ao televisor. De repente, sentiu-se tolo e envergonhado, o que serviu apenas para o irritar ainda mais. Do que é que se envergonhava? *Ele* não fizera nada de errado.

Pegando no seu casaco, tentou recompor-se, mas voltou a ser apalhado pelas palavras de Alison.

— Como é evidente, o principal é que sentimos a falta da nossa menina. Ela trazia tanta luz e tanta alegria aonde quer que entrasse...

Mike fechou os olhos — a sua dor intensa estava a regressar, ameaçando tomá-lo por completo —, antes de se forçar a regressar ao presente, trancando os seus sentimentos. Virando-se, pegou no telecomando e desligou iradamente a televisão, e depois avançou sombriamente na direção do salão de exposição, com doze pares de olhos a segui-lo a cada passo.

5

Ele arrastou a poltrona pela sala, posicionando-a diante do televisor. Detendo-se para admirar a sua obra, Jack bufou, esvaziando as bochechas e franzindo o sobrolho. Assim estaria de costas para a porta, o que o incomodava, pelo que devolveu a cadeira à sua posição original. Esta dança das cadeiras era divertida — no centro de detenção de jovens criminosos, cada peça de mobiliário fora atarraxada ao chão. Aqui, podia mudar tudo o que desejasse, tantas vezes quantas o desejasse, fazendo com que a casa espelhasse os seus desejos, as suas necessidades e a sua personalidade, fosse lá o que isso fosse.

Todavia, essa parecia ser a única vantagem da sua nova situação e, se lhe tivesse sido dada a oportunidade, Jack teria regressado ao centro num abrir e fechar de olhos. Era inquestionavelmente o melhor lugar onde já vivera, o único lugar onde se sentira *seguro*. O lar da sua família era um vórtice de caos, violência e abuso, onde nunca havia palavras ou atos de bondade. Pelo contrário, o centro fora um modelo de boa ordem, disciplina e empreendimento. Jack dispusera de uma variada agenda de aulas e atividades, imensas oportunidades de praticar desporto, dinheiro para gastar na loja de doces e sessões regulares na *PS5*. Naturalmente, nem tudo fora cor-de-rosa. Apesar do que enfrentara, sentiu a falta da família, ficou triste por as visitas da mãe terem diminuído, mas em geral revelara-se uma boa experiência. Os rapazes, uma miscelânea de ladrões de carros, incendiários e traficantes de droga, eram uma companhia decente e também de confiança — melhores irmãos para ele do que alguma vez se revelaram os verdadeiros.

Foi do humor, da galhofa e da presença deles que Jack sentiu agora a falta. Eddie, o miúdo mulato que nunca recuava face a um desafio, sobrepondo-se a tipos com o dobro do seu tamanho graças à sua

língua afiada e total ausência de medo. Tally, sempre pronto a pregar partidas e um artista talentoso, que fazia caricaturas brilhantes dos professores, e, claro, Deano, que protegia sempre Jack, apesar de ter uma boa noção de quem ele era. Nunca testara totalmente a lealdade e afeto de Deano, mas soubera bem tê-la e ansiava agora por ela.

O que havia para ele naquela casa estranha, naquela cidade estranha? Nada além de tédio e desespero. Nunca gostara de estar sozinho, nunca gostara de estar quieto, e a *última* coisa de que precisava era de tempo para pensar. Queria manter-se ocupado, ativo, distraído, como sucedera no centro, mas ali era apenas ele por sua conta, com pouco que fazer. Sim, podia ligar a televisão, ver um dos canais cuidadosamente selecionados, mas iria isso preencher o vazio? Afastar aqueles pensamentos sombrios e incómodos que ameaçavam subjugar-lo? Além de que naquela noite não era apenas o tédio a deixar Jack irrequieto. Era o medo.

Não o admitira à sua agente de liberdade condicional, a bem-intencionada Olivia, mas sentia-se petrificado, sem saber como sobreviveria ali, com o que poderia reservar-lhe o futuro, com o que aconteceria se o seu disfarce fosse descoberto. Havia uma ira real lá fora com a sua libertação. Jornalistas de tabloides, membros de forças policiais de investigação, até completos estranhos teriam todo o gosto em apanhá-lo, mas a bília deles nada era em comparação com a fúria dos familiares da sua vítima. Se fechasse os olhos, Jack ainda seria capaz de ver o pai do rapaz a gritar-lhe conforme era levado, incentivado por alguns dos seus irmãos, que pareciam querer despedaçá-lo. Ao longo dos anos, não esconderam a sua crença de que Jack merecia uma morte súbita e brutal, e o tal veredito condenatório recebeu considerável apoio popular por todo o mundo. Para as pessoas em geral, Jack era desprezível, para lá do que se podia medir, uma nódoa na sociedade. Espreitara as bancas de jornais no trajeto de carro até ali, vira as manchetes a declarar O ROSTO DO MAL, logo acima da horrorosa fotografia dele naquele fato de treino merdoso, o cabelo desgrenhado, uma expressão sombria. Era tudo o que o mundo conhecia dele — aquela foto da polícia de miséria e degradação — e era tudo o que *queriam* saber. Não queriam saber da sua própria situação, do seu lado da história — não, ele era desumano, um rafeiro a necessitar de ser abatido. Esse era o seu legado, a recompensa pelos seus crimes: hostilidade, isolamento e perigo.

E do que dispunha ele para evitar esses pensamentos mórbidos? Para impedir que perdesse a cabeça aos poucos? Nada, a não ser o silêncio ensurdecedor da sua triste casa. Jack tentava colocar uma expressão corajosa, para dar uma oportunidade à sua nova situação, mas na verdade nunca se sentira tão sozinho, tão miserável, tão assustado como naquela noite.

**Emily é uma mãe solteira dedicada.
Jack arranjou um emprego novo. Russel está a apaixonar-se.
Todos eles partilham o mesmo segredo: nenhum é quem diz ser.**

Os três estão entre os nove criminosos incluídos num programa de proteção vitalício, para sua própria segurança, devido à natureza terrível dos crimes que cometeram.

Mas o que aconteceria se alguém denunciasse as suas verdadeiras identidades às famílias das vítimas, que estão desesperadas por vingança?

A agente de liberdade condicional Olivia Campbell é apanhada no fogo cruzado de uma crise sem precedentes. À medida que a procura pelo culpado da fuga de informação se intensifica, também aumenta a busca pelos assassinos que agem em nome da retidão.

Todos são suspeitos. Qualquer um pode ser um assassino. Quem merece justiça? E quem tem o direito de o decidir?

**«Olho por Olho é perturbador, tem um ritmo acelerado
e dá muito que pensar.»**

The Guardian

Conheça também a série *Helen Grace*:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@ topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897877513



9 789897 877513 >